

Despertando Indagação

Raramente convida-se professores para refletirem publicamente sobre as razões pelas quais fazem seu trabalho como o fazem. Não sou exceção. Até recentemente, não havia falado em público sobre como ensinar coisa alguma. Portanto, quando pediram-me que falasse sobre como “transmitir crenças e valores adventistas na educação superior”¹, comecei a perguntar a mim mesmo: Por que, depois de dedicar quase 30 anos ajudando estudantes universitários a explorar as crenças adventistas, achava difícil preparar essa palestra? Quando ensinava bem, que fiz para fazê-lo? Quando ensinava mal, que esqueci de fazer? Será que eu realmente estava empenhado em “transmitir” crenças e valores? Será que isso fazia com que eu fosse o “transmissor” e os alunos os “receptores”?

Essas perguntas faziam-me lembrar que no início da minha carreira de professor, li um artigo que citava uma passagem de Ellen White de *Mente, Caráter e Personalidade*.² Aquela citação me impressionou naquela ocasião, e ainda me impressiona. Ela mudou minha maneira de ensinar. Em se tratando de ajudar estudantes com suas crenças e valores, estou convencido de que as verdades da seguinte citação merecem atenção cuidadosa:

Devem os professores levar os estudantes a pensar e

compreender claramente a verdade, por si mesmos. Não basta que o professor explique ou o estudante creia; tem de ser despertado o desejo de indagar, e o estudante tem de ser levado a declarar a verdade em sua própria linguagem, tornando-se assim evidente que ele lhe reconhece a força e faça a aplicação. Por laborioso esforço as verdades vitais devem assim ser-lhe gravadas na mente. Pode este ser um processo lento, mas é de maior valor do que o precipitado passar por assuntos importantes sem lhes dar a devida consideração. Deus espera que Suas instituições sobrepujem as do mundo, pois

*são representantes Seus.*³

Por que não é suficiente que os professores expliquem as verdades (mesmo quando o fazemos bem)? E por que não basta que os estudantes creiam, especialmente se é *verdade* aquilo que oferecemos? Por baixo das respostas a essas perguntas existe um fundamento teológico de ensino e aprendizagem que nos conta muito a respeito do caráter de Deus e Seu eterno propósito para os seres humanos. Decidi explorar quatro temas da citação mencionada anteriormente.

A Verdade

A responsabilidade principal do professor é ajudar seus alunos a “compreenderem claramente a verdade por si mesmos”. No passado, quase todos concordavam que o processo de educação devia ser uma busca da verdade. Minha criação adventista incluía até mesmo a expressão, estando “na verdade”. A cultura ao nosso redor naquela época apoiava o entendimento de que algumas coisas são verdades, e outras não o são, e que é importante saber a diferença entre as duas coisas.

Mas a cultura de hoje não é a mesma. Atualmente, a ideologia conhecida como pós-modernismo expressa ceticismo sobre a capacidade humana de conhecer verdades universais ou duradouras. Dá-se ênfase à construção social da realidade e a incapacidade humana de comparar e avaliar as reivindicações da verdade dentro dos parâmetros de cada cultura ou

sociedade. Podemos observar em todas as partes uma falta de coragem de fazer qualquer reivindicação para representar a verdade, exceto talvez as verdades declaradas pelo relativismo. Embora pode-se talvez esperar que tal ideologia inspire humildade ao confrontar pontos de vista opostos, muitas vezes isso não é o que acontece. Dogmatismo sobre a relatividade de toda verdade é um dos pontos estranhos, paradoxo daquilo que agora passa como discurso intelectual.

Estudantes universitários não estão isentos desse caráter penetrante do relativismo. O comentário do educador Allan Bloom provavelmente não está além da realidade: “Há uma coisa da qual o professor pode ter certeza absoluta: quase todo estudante ao ingressar na universidade crê, ou fala que crê, que a verdade é relativa.”⁴

Alguma medida de relativismo é, sem dúvida, parte normal do desenvolvimento intelectual, moral e espiritual dos jovens, que precisam avaliar a maneira convencional de pensar do seu passado. Às vezes chamo isso de “síndrome do universitário segundo-anista” porque, a essa altura, quase todos os alunos já aprenderam o suficiente sobre a história humana e as diferenças culturais para saber que as crenças têm a tendência de mudar de uma cultura para outra e de uma época para outra. Tais descobertas podem ser hilariantes porque oferecem novos horizontes. Elas também permitem ao aluno usar suas novas capacidades para compreender as diversas crenças dos outros sem apressar-se a julgá-las.

Porém, descobrir pontos de vista alternativos da verdade pode também ser doloroso. Frequentemente os estudantes começam a duvidar da possibilidade de estabelecer *qualquer* afirmação quanto à verdade. Uma das tarefas mais delicadas da educação superior é ajudar os estudantes a desenvolverem a capacidade de tomar decisões baseadas em princípios sobre a verdade. É obra das mais finas conseguir fazer isso sem reverter ao dogmatismo ou submeter-se ao relativismo dominante da época.

Tal obra se torna imensuravelmente mais fácil se a tarefa inteira encontra-se ancorada num relacionamento pessoal com Jesus como Senhor e Salvador. Paulo apontou o caminho quando ensinou que somos parte de uma casa que está construída “sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular; no qual todo edifício, bem ajustado, cresce para

santuário dedicado ao Senhor” (Efésios 2:20 e 21). Todos os sistemas de verdade têm que ter seu início em algum lugar, e para a educação superior cristã, esse lugar é uma Pessoa e não uma abstração. A educação cristã começa com a história redentora de Jesus. “No mais alto sentido, a obra da educação e da redenção são uma; pois, na educação, como na

Por que não é suficiente que os professores expliquem as verdades (mesmo quando o fazemos bem)? E por que não basta que os estudantes criam, especialmente se é verdade aquilo que oferecemos?

redenção, ‘ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo’.”⁵

A fé que se amadurece em Jesus dá aos estudantes a confiança necessária para explorar outras verdades. Seria erro fundamental considerar o ensino principalmente como a transmissão de verdades previamente estabelecidas. Na melhor das hipóteses, o ensino é muito mais uma aventura e colaboração. A aventura vem de sabermos que estamos procurando verdade dinâmica atual, que se desdobra constantemente. Isso é especialmente verdadeiro acerca de nossa compreensão de Deus: “Se nos fosse possível atingir uma completa compreensão de Deus e Sua Palavra, não mais haveria para nós descobertas de verdades, conhecimentos maiores ou maiores desenvolvimentos. Deus deixaria de ser supremo, e o homem deixaria de adiantar-se.”⁶ Como adventistas do sétimo dia, nós confirmamos esse compromisso no prefácio da declaração acerca de nossas Crenças Fundamentais: “Revisão destas declarações pode ter lugar por ocasião de uma sessão da Associação Geral quando a igreja é conduzida pelo Espírito Santo a uma compreensão mais ampla da verdade bíblica ou encontra uma linguagem melhor para expressar os ensinamentos da Santa

Palavra de Deus.”⁷

Nós colaboramos, em primeiro lugar, com o Espírito Santo. “Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito de verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as cousas que hão de vir.” (João 16:12 e 13.) A promessa e o processo da orientação do Espírito continua. Deus nos ensinará muito mais se estivermos dispostos a ouvi-IO. Crendo nisso, tanto os professores como os estudantes devem estar preparados para participar da aventura de procurar e compreender a verdade. A crença de que toda verdade já foi descoberta e agora basta ser transmitida nega a obra contínua do Espírito Santo. Da mesma forma, a crença de que nenhuma verdade duradoura pode ser compreendida por seres humanos nega a eficácia do trabalho do Espírito.

Explicação

Por que “não basta que o professor explique”? Primeiro, porque tanto os professores como os estudantes estão empenhados numa busca colaboradora que é guiada pelo Espírito Santo.

Além disso, é necessário que se lhes desperte o desejo de indagar. Sem essa experiência, é provável que ficarão desinteressados e enfadados. De fato, “interesse” pode ser melhor definido como o envolver de si mesmo no assunto. Quando os estudantes experimentam os desafios do pensamento independente, é maior a probabilidade de que irão mergulhar-se em muitas áreas de indagação. E é mais provável que desenvolverão o estilo de mente que deve caracterizar pessoas instruídas.

Ellen White condena o tipo de treinamento educacional que não cultiva o pensamento independente:

*“A educação que consiste no exercício da memória, com a tendência de descoroçar o pensamento independente, tem uma influência moral que é pouco tomada em conta. Ao sacrificar o estudante a faculdade de raciocinar e julgar por si mesmo, torna-se incapaz de discernir entre a verdade e o erro, e cai fácil presa do engano. É facilmente levado a seguir a tradição e o costume.”*⁸

Com conselho como este, é incrível ver quanto do que passa por educação superior faz exatamente aquilo contra o que esta citação adverte. Estudantes, às vezes até nos mais altos níveis da

educação de pós-graduação e profissional, participam da experiência vulgar de sentar, escutar, tomar notas e depois repetir os pensamentos de alguma outra pessoa. Baseado na citação que acabamos de mencionar, não é demais dizermos que tal educação é suspeita, pois ela faz com que os estudantes não funcionem como as pessoas que Deus tencionou que fossem.

Alguns dos melhores conceitos que já recebi como professor universitário vieram do presidente do meu primeiro departamento de ensino, Gordon Balharrie, que disse: "Lembre-se, você está sendo bem-sucedido quando os alunos estão trabalhando." Acrescentou que o professor pode trabalhar com grande empenho, aprendendo quase tudo a respeito de certo assunto, mas nada disso asseguraria a aprendizagem dos alunos. Aprendizagem verdadeira só ocorre quando o aluno torna-se pessoalmente envolvido com a matéria. Tomando emprestado de Ellen White novamente: "A verdadeira educação não consiste em forçar a instrução a um espírito não preparado e indócil. As faculdades mentais deverão ser despertadas, e o interesse suscitado."⁹

Indagação

Um dos mais maravilhosos desafios do ensino é criar espaço no qual se desperte a curiosidade e indagação. Esse deve ser um lugar seguro, no qual os estudantes se arrisquem "a ser levados a declarar a verdade". Seria bom que os professores se reunissem regularmente para partilhar suas estratégias de como despertar o desejo de indagar. Permitam-me mencionar cinco que têm funcionado para mim:

1. *Comece com as indagações dos próprios alunos.* Crianças pequenas são curiosas por natureza. Mas anos de educação formal podem fazer com que qualquer tendência à curiosidade se extinga. Portanto, comece minhas aulas solicitando que os alunos partilhem, por

escrito, informação a respeito de si mesmos que possa ajudar-me a servir-lhes melhor. Particularmente, peço-lhes que citem pelo menos três perguntas para as quais eles desejam procurar respostas durante o curso, e que digam por que essas perguntas são importantes para eles. Alguns alunos ficam chocados com minha solicitação, pois aparentemente pensavam que não tinham que trazer qualquer curiosidade sobre o assunto. Mas a maioria dos alunos gostam dessa tarefa, e geralmente eu aprendo muito que me ajuda a revisar meus planos de aulas.

2. *Utilize a imaginação.* Boas histórias ajudam. Nós damos dignidade a essas na educação superior chamando-as de "casos", ou referindo-nos a "aprendizagem baseada em problemas". Esqueçamos dos rótulos. O desejo de indagar é despertado por boas histórias que abrem novas vistas para a imaginação. Não existe disciplina que não seja avivada pelo melhor uso de narrativas atrativas.

3. *Dê tempo para a gestação da indagação.* Bons professores devem aprender a esperar em silêncio. A pergunta comumente usada — "Alguém tem algum comentário ou alguma pergunta?" — é geralmente seguida por uma pausa de apenas poucos segundos. Em tão pouco tempo, apenas os estudantes mais corajosos e as respostas mais superficiais podem ter lugar. O fato de dar tempo para que os alunos escrevam suas perguntas e as entreguem ao professor permite que os alunos mais silenciosos (e às vezes mais pensadores) participem da indagação.

4. *Anime os alunos a prestarem atenção nas perguntas e pontos de vista dos outros.* Uma das minhas estratégias preferidas para despertar a indagação é apresentar um caso e dar aos alunos alguns minutos para explicar seu ponto de vista à pessoa sentada ao seu lado.

Explico que quando chegarmos ao fim dos minutos determinados, vou pedir-lhes que expliquem o ponto de vista do seu colega. (Esse método pode funcionar bem mesmo em classes grandes.) Isso requer que os alunos prestem cuidadosa atenção ao ponto de vista dos outros e então representem tais pontos de vista corretamente. As discussões em classe que se seguem, são geralmente das mais animadas.

5. *Faça tempo para o inesperado.* Quantas vezes você ouviu um professor dizer: "Essa é uma ótima pergunta, mas infelizmente não vamos ter tempo para respondê-la hoje." Ou: "Esse tópico faz parte da palestra da próxima quarta-feira." Tais respostas podem transmitir mensagem negativa de que a indagação dos alunos é menos importante do que a seqüência dos tópicos. Mas não é fácil conservar a indagação. Aquele momento valioso em que a curiosidade dos alunos foi despertada deve ser raramente sacrificado por causa do horário.

Paciência

O êxito no despertamento da indagação pode realmente "ser um processo lento". Pode até ser um processo desordenado. O esboço esmerado pode ter que ceder a um processo bem mais dinâmico. Um número menor de tópicos pode ter que ser coberto com maior profundidade. O processo não está isento de riscos; o resultado nunca está completamente garantido. E o resultado de cultivar a indagação pode

É necessário que se lhes desperte o desejo de indagar.

processo, descobri o valor do tipo de indagação que havíamos partilhado anos antes. Ela voltou para me agradecer.

Meu propósito ao relatar essa história não é buscar louvor próprio por uma matéria ensinada anos atrás. (É bem provável que outros ex-alunos fizessem uma avaliação bem diferente da dessa jovem.) O que quero dizer é que não devemos apressar-nos em avaliar os resulta-

dos de despertar indagações e convidar os alunos a expressarem suas convicções em sua própria linguagem. Nosso trabalho é a longo prazo. "A verdadeira educação significa mais do que a prossecução de um certo curso de estudos. Significa mais do que a preparação para a vida presente. Visa o ser todo, e todo o período da existência possível ao homem."¹⁰

não ser completamente conhecido senão muitos anos mais tarde.

Fui lembrado disso quando encontrei uma ex-aluna no antigo aeroporto Stapleton, em Denver. Observei-a se aproximando por uma passarela móvel em direção oposta da minha. Tivemos apenas tempo de reconhecermo-nos um ao outro, cumprimentarmo-nos e abanar adeus. As passarelas eram longas, e eu já estava atrasado para meu próximo voo. Ao dirigir-me ao portão, pensei sobre aquela aluna. Ela havia tido dificuldade com uma matéria que eu havia ensinado anos atrás, uma matéria que explorava as responsabilidades sociais da fé cristã. Era uma matéria para colação de grau com distinção, com leituras e perguntas desafiantes. Ela descobriu que a indagação tornava-lhe aflita pois fazia com que reavaliasse algumas de suas crenças.

Porque creio nisso, preocupo-me com a moda da "avaliação de resultados" que está tomando conta da educação superior (e quase todas as demais coisas) hoje em dia. Muitas formas de avaliação são, logicamente, essenciais para o desenvolvimento de programas educacionais excelentes. Mas, considerando a onda de entusiasmo por avaliar quase que tudo, precisamos ser cautelosos. Alguns modos de avaliação têm o potencial de ser radicalmente secularizantes, especialmente quando aplicados ao desenvolvimento espiritual dos estudantes, suas crenças e seus valores. Devemos estar alertas quanto à tentação de eliciar dos estudantes as respostas que queremos. E precisamos resistir à tentação de querermos manter boas aparências. Jesus usou fortes palavras para com aqueles que demonstram sua justiça a fim de conquistar o elogio dos outros (Mateus 6).

Acima de tudo, devemos lembrar que o verdadeiro valor da educação superior cristã não está nos resultados dos exames no final do semestre, ou mesmo na colação de grau. Nem mesmo é encontra-

da em qualquer escala quantitativa que possamos aplicar. É, antes, encontrada na qualidade do relacionamento pessoal com Jesus Cristo que dura para sempre.¹¹

Dr. Gerald R. Winslow é professor de Ética Cristã e deão da Faculdade de Religião na Loma Linda University, em Loma Linda, Califórnia, E.U.A. Este artigo tem como base sua apresentação durante o Adventist Higher Education Summit (Encontro de Educação Superior Adventista) realizado em Loma Linda, Califórnia, em março de 1997.

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. A ocasião foi o (encontro) Adventist Higher Education Summit realizado na Loma Linda University, em março de 1997.
2. L. W. Mauldin, "Dare We Teach Students to Think?", *Journal of True Education* 32:5 (Verão, 1970), pág. 28.
3. Ellen G. White, *Mente, Caráter e Personalidade* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990), pág. 365.
4. Allan Bloom, *The Closing of the American Mind* (New York: Simon and Schuster, 1987), pág. 25.
5. Ellen G. White, *Educação* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1977), pág. 30.
6. Idem, pág. 172.
7. Tradução literal do original em inglês, "Fundamental Beliefs of Seventh-day Adventists", *Seventh-day Adventist Yearbook* (Silver Spring, Md.: General Conference of SDA, 1997), pág. 5. Para equivalente em português, ver prefácio do livro "Nisto cremos - 27 Ensinos Bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia" (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990), equivalente à pág. 3. "Embora este volume não represente uma declaração votada oficialmente — já que somente uma sessão da Associação Geral poderia tomar tal medida — ele deve ser visto como representativo da "verdade ... em Jesus" (Efésios 4:21) que os Adventistas do Sétimo Dia ao redor de todo o globo acariciam e proclamam."
8. *Educação*, pág. 230.
9. Idem, pág. 40.
10. Idem, pág. 13.